

A REVISTA VEJA SOB ANÁLISE: PROBLEMATIZAÇÕES AOS DISCURSOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA MÍDIA IMPRESSA¹

VEJA MAGAZINE UNDER ANALYSIS: PROBLEMATIZATIONS OF THE ENVIRONMENTAL EDUCATION DISCOURSES IN THE WRITTEN MEDIA

*Bárbara Hees Garré*² – Universidade Federal do Rio Grande/FURG

barbaragarre@gmail.com

*Paula Corrêa Henning*³ – Universidade Federal do Rio Grande/FURG

paula.henning@ig.com.br

Resumo:

O trabalho refere-se a um recorte de Tese que tem como proposta analisar alguns discursos que tratam da temática da Educação Ambiental na mídia impressa, mais especificamente os divulgados nas Revistas Veja e Superinteressante a partir da década de 90. Neste texto o enfoque situa-se nas reportagens da Revista Veja que apresentam um forte apelo para a questão da periculosidade e do medo frente as problemáticas ambientais. A mídia é entendida neste contexto como uma Pedagogia Cultural, produzindo e ensinando certas verdades. As análises realizadas vinculam-se a provocar o pensamento e pensar a Educação Ambiental para além da impregnação naturalista e romântica do “contato com a natureza” e dos discursos de periculosidade veiculados acerca da questão ambiental. Entende-se que os discursos de Educação Ambiental, aqui tratados, referem-se também a estratégias de segurança e controle da sociedade, já que os enunciados em análise colocam fortemente em questão o “futuro do planeta”.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Mídia Impressa; periculosidade.

Abstract:

This paper concerns a clipping from a Thesis that brings the proposal of analyzing some discourses approaching Environmental Education in the written media, more specifically those divulged in Veja and Superinteressante Magazines from the 90's on. In this text, the focus is on Veja Magazine's articles that show a strong appeal for dangerousness and fear in face of the environmental problems. In this context, media is understood as a Cultural Pedagogy, producing and teaching several truths. The analysis sought to provoke reflection and to think Environmental Education beyond the naturalistic and romantic impregnation of "contact with nature" and discourses of dangerousness and terrorism so publicized about the environmental issue. We understand that the Environmental Education discourses addressed

¹ Pesquisa Financiada pela CAPES e CNPq.

² Pedagoga. Mestre em Educação em Ciências e Doutoranda do PPG em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. Bolsista CAPES.

³ Doutora em Educação e professora adjunta do Instituto de Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande.

here also refer to strategies of society safety and control, since the analyzed enunciates strongly question “the future of the planet”.

Key words: Environmental Education; Written Media; dangerousness.

Primeiros Anúncios

O trabalho que aqui apresentamos compõe uma Tese que tem como objetivo analisar alguns discursos de Educação Ambiental presentes nas Revistas *Veja* e *Superinteressante* a partir da década de 90, década esta em que há uma forte acentuação das preocupações voltadas à crise do meio ambiente no nosso país. Para esse trabalho nosso esforço foca-se num recorte de alguns enunciados da Revista *Veja*. Tais enunciados vêm colocando a Educação Ambiental como uma questão de risco e de perigo na atualidade. Com chamadas como “A Vingança da Natureza” (*Veja*, abril de 2001), “O Planeta pede Socorro” (*Veja*, agosto de 2002), “A Terra no Limite” (*Veja*, outubro de 2005), “Estamos devorando o planeta” (*Veja*, dezembro de 2009), a mídia coloca a responsabilidade pelas problemáticas ambientais no nível do indivíduo, pois todos e cada um devem fazer a sua parte. Assim, é indispensável o engajamento de cada pessoa. Mas não mais apenas o engajamento racional ou militante, e sim o engajamento individual sustentado pela aura de periculosidade e risco tão propagados nos discursos midiáticos.

A escolha da Revista *Veja* como *corpus* discursivo desta pesquisa se deu, primeiramente, pela sua ampla circulação em nível nacional e por se constituir em um dos mais conhecidos veículos de comunicação em nosso país. Em pesquisa prévia constatamos um número significativo de edições ao longo destes 20 anos, preocupadas com a problemática ambiental. Esta primeira investigação foi realizada no acervo digital disponibilizado no site da revista. Com a palavra-chave Educação Ambiental, foram encontradas 31 edições da revista, desde março de 1990. Quando a expressão “Educação Ambiental” foi cruzada com a expressão “Crise Ambiental”, o acervo ampliou-se para 87 edições tratando da temática. Tal amplitude dá visibilidade ao entendimento de crise que é conferido à questão ambiental nas duas últimas décadas.

Entendemos que tal recorte é emblemático e nos coloca a pensar na forma como a Educação Ambiental vem sendo produzida e entendida na atualidade. Comumente vemos se proliferar na mídia discursos produtores de verdades, muitas vezes marcados por visões terroristas, de caos e da necessidade de salvação do planeta. Há que se colocar sob suspeita e problematizar essas verdades que vão fabricando discursos potentes e hegemônicos para este campo de saber. Será possível lutar contras esses ditos? Será possível pensarmos outras possibilidades para o campo da Educação Ambiental, além da salvação do planeta e da própria preservação da espécie? Conseguimos provocar nosso próprio pensamento sobre a Educação Ambiental como um campo de saber produtivo? Estas questões são algumas inquietações que nos movem a mergulhar nessa empreitada de trabalho.

Destacamos ainda que escolhemos trabalhar com a Revista *Veja* por entendê-la como uma mídia potente no cenário brasileiro, que produz verdades e sentidos, conduzindo a vida dos sujeitos. Assim, a partir de Nietzsche (2003) escolhemos travar algumas batalhas contra causas vencedoras. Escolhendo, nesse momento, lutar com os discursos da Revista *Veja*, por entendê-la como uma mídia vencedora que auxilia na constituição dos sujeitos contemporâneos.

Primeiro: **eu ataco coisas que são vitoriosas** – caso for necessário eu espero até que elas sejam vitoriosas. Segundo eu apenas ataco coisas contra as quais eu jamais encontraria aliados, contra as quais tenho que me virar sozinho – contra as quais tenho que me comprometer sozinho... Jamais dei um passo em público que não

comprometesse: é esse o meu critério de ação correta. Terceiro: eu jamais ataco pessoas – eu apenas me sirvo da pessoa como de uma poderosa lente de aumento, através da qual é possível tornar manifesta uma situação de necessidade comum, mas furtiva e pouco tangível. (...) **Quarto eu apenas ataco coisas contra as quais todo o tipo de diferença pessoal é excluído, contra as quais não existe qualquer segundo plano relativo a más intenções.** Pelo contrário, **atacar é uma prova de bem-querer** em mim e, conforme a circunstância, de agradecimento (NIETZSCHE, 2003, p. 38) [grifos meus].

Neste trabalho entendemos a mídia como um importante campo de produção de subjetividades, que interpela os sujeitos e vai constituindo suas formas de ser e viver no mundo atual. A partir de alguns estudos vimos olhando para a mídia como uma Pedagogia Cultural, que ensina e educa. Essa Pedagogia indica modos de fazer, de se comportar, de consumir e de desejar, produzindo e gerenciando a vida das pessoas. Assim, a mídia tem se constituído como referência e espaço privilegiado de circulação de novas aprendizagens. Não apenas exibindo determinados gestos e informando acontecimentos, mas criando um novo jeito, uma nova e específica maneira de viver e experimentar. A mídia entendida como Pedagogia Cultural se constitui em lugar de aprendizagem para além dos espaços escolares, ensinando também como fazer uma adequada Educação Ambiental na nossa vida cotidiana.

Governar condutas e estabelecer o pleno funcionamento da produção são estratégias elementares para manter a perspectiva neoliberal globalizada, e as revistas funcionam como dispositivos produtivos que operam com o objetivo de ensinar, sugerir como os indivíduos devem se comportar, o que devem aprender, onde e para quê (GERZSON, 2009, p. 152).

Assim, o objetivo deste texto é provocar uma interlocução potente entre o campo de saber da Educação Ambiental e os estudos da mídia como Pedagogia Cultural que vem produzindo formas de existir e conviver no mundo contemporâneo. Buscamos nesse trabalho provocar o pensamento sobre os discursos de Educação Ambiental, especificamente os marcados pela questão da periculosidade. Entendemos que estes ditos estão atrelados a uma estratégia biopolítica⁴ preocupada com o gerenciamento da vida da população, no intuito de “salvar e preservar o meio ambiente” e de garantir a “continuidade de vida na terra”.

Alguns discursos de Educação Ambiental em análise na Revista Veja

Ao iniciarmos esta seção, entendemos ser de extrema produtividade deixar anunciado alguns conceitos com os quais operamos nesse trabalho. Primeiramente situamos o conceito de discurso. Tomamos tal conceito do filósofo Michel Foucault, entendendo que os discursos não ocorrem fora de uma ordem mais ampla, mas num campo de ação possível, num sistema que acolhe esses ditos e os faz funcionar como verdadeiros. Esses dizeres não estão soltos no mundo à espera de serem interpretados, desvelados, descobertos. Eles são produzidos e produzem esse mundo, e nele produzem efeitos de verdade. Para Foucault os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (2002, p. 56).

Nossa tentativa não é de descobrir quais discursos são verdadeiros, ou quais são falsos. Não se trata de interpretar os discursos, no sentido de buscar explicações para o que

⁴ O termo biopolítica é do filósofo francês Michel Foucault, que cunha tal conceito em seus cursos no Collège de France, trabalhando-os de forma mais contundente em “Segurança, Território de População” e “Nascimento da Biopolítica”. O autor propõe que nas sociedades biopolíticas a população não seja vista como uma massa de indivíduos que ocupam determinado território. Aqui a vida entra em cena com todos os aspectos que lhe são próprios, econômicos, sociais, culturais e ambientais. O foco é fazer crescer, é multiplicar as forças, melhorando a situação da população, aumentando as riquezas, prolongando a vida, investindo na saúde, cuidando do meio ambiente.

esses discursos estão tentando dizer, ou ainda quais as intenções escondidas por trás do discurso. O movimento é o de discutir e analisar os efeitos produzidos pelo próprio discurso.

Eu parto do discurso tal qual ele é! Em uma descrição fenomenológica, se busca deduzir do discurso alguma coisa que concerne ao sujeito falante; tenta-se encontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante – um pensamento em via de se fazer. O tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona (FOUCAULT, 2006, p. 253).

Nessa correnteza o conceito de discurso diz respeito a tudo aquilo que é enunciável e visível, diz respeito a todas as manifestações que produzem a vida social em uma determinada episteme. Em outras palavras, os discursos descrevem, fabricam, inventam o mundo, que só tem sentido a partir desses ditos. Assim, a produção de um discurso nada mais é do que uma fabricação. Inventamos o objeto no mesmo instante em que começamos a descrevê-lo. O discurso propagado na mídia não foge desse entendimento. Ao estudar alguns dos discursos da Educação Ambiental e suas implicações com a produção de sentido que eles acarretam, selecionamos aspectos que consideramos relevantes para essa empreitada. E, dessa maneira, protagonizamos uma operação política que não apenas revela, senão que produz nossa posição de verdade. Assim, não é possível assumirmos uma posição de neutralidade, pois participamos desse jogo de forças proposto pela mídia ao aceitarmos ou recusarmos o convite. Ao assumirmos um posicionamento, ao enunciarmos nossas escolhas e entendimentos também estamos fabricando uma verdade.

Nessa perspectiva entendemos que o funcionamento da produção de verdade deve ser estudado no que tange a seus efeitos de realidade, para além da dicotomia moralizadora do certo ou errado. Até porque os discursos encontram na mídia seu ponto máximo de difusão e, ao selecioná-los, ela coloca em funcionamento uma operação de poder. Esse jogo de oposições implica disputas e silenciamentos: o exercício do poder, como diz Foucault (1990), cria objetos de saber que produzirão informações a serem acumuladas e utilizadas. Trata-se da dinâmica dessas relações de força que procuramos examinar aqui.

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT, 1990, p. 08).

Michel Foucault (2002a) localiza, mais ou menos no mesmo período do surgimento da Modernidade, o advento da sociedade disciplinar. O poder disciplinador do Estado, devoto do culto à racionalidade, organiza internamente cada saber como uma disciplina. A partir de critérios de seleção que permitem separar o saber do não-saber, normaliza os conteúdos e os hierarquiza. Essa organização é feita pelo conhecimento científico. Assim, a ciência toma um lugar específico: o de definidora e propulsora da normalidade global. Antes do final do século XVII pode-se falar apenas de uma ciência teórica, distante da tecnocracia racionalista típica da modernidade. A Educação Ambiental constitui-se a partir desse olhar moderno. Tentando responder a falência de uma forma de vida “a modernidade ocidental, da qual somos filhos, apostou todas as suas fichas em uma razão científica objetificadora e no otimismo tecnológico correspondente” (CARVALHO, 2008, p.154). A ciência moderna aparece então, como dispositivo de policiamento dos saberes. Surge um novo dogmatismo, uma forma de controle que se exerce predominantemente por meio das disciplinas. Os discursos da ciência, em que pese todas as críticas ao cientificismo que já temos feito ao longo das últimas décadas, inscrevem-se no verdadeiro de maneira veemente e assumem um lugar de destaque em nossa sociedade: “A maior reunião sobre clima já realizada confirma que, para salvar o planeta, é

preciso mais **ciência** e menos blá-blá-blá”. (Revista Veja, 23 de dezembro de 2009, p.129). “**Os cientistas advertem:** Se a temperatura média do planeta subir mais de 2 graus C, as consequências podem ser desagradáveis para todos nós”. (Planeta Sustentável. Editora de Revistas Abril, 2010) [grifos nossos].

A proliferação nos meios de comunicação sobre os problemas ambientais que vivemos, faz com que percebamos mais eminentemente a crise ecológica vivida por nós no contemporâneo. Para o bem ou para o mal, os discursos da educação ambiental reverberam cotidianamente na mídia e em outros espaços em que a vida se coloca como questão central para continuidade do futuro do planeta. Com isso, a educação ambiental tomou força e vem se constituindo num campo de visibilidades diante da preocupante devastação do meio ambiente. Nesse sentido, discursos midiáticos vão fabricando *modos ecológicos de vida*, ou seja, vão nos persuadindo a jogar o jogo da preservação do planeta e da espécie humana. O que queremos colocar em evidência são os discursos de periculosidade e medo que muitas vezes a mídia ajuda a propagar, fazendo-nos crer que, caso não mudemos nossas atitudes com o meio ambiente, dificilmente teremos este mundo para viver ou pelo menos para viver dignamente...

Certamente a crise ambiental é algo instalado em nossas vidas. No entanto, a forma como a mídia muitas vezes vem nos apresentando leva a esta sensação de medo, com seus enunciados apocalípticos do fim de mundo. Pensamos então: até que ponto os veículos de comunicação vem nos ajudando a pensar ecologicamente sem fazer uso/apelo ao medo, à insegurança e à incerteza da vida humana? Não temos a ilusão de acreditar que ações humanas, muitas vezes, executadas para fazer valer a máxima baconiana – “o homem será o senhor e o possuidor da natureza” – não nos empurre para a intensificação da crise ambiental do século XXI. Porém, parece-me que pensar no futuro do planeta não deve se limitar a uma preocupação individualista. Talvez Guattari (1990; 2006) nos ajude a olhar esta crise a partir da criação de uma ecosofia, sem necessariamente, apelarmos para uma política do medo e da periculosidade. Provocando-nos a olhar a uniformização midiática, o autor nos coloca a pensar em uma ecosofia mental, que cutuque nosso pensamento, provoque-nos a olhar a educação ambiental pela esfera de um paradigma ético-estético, com procedimentos, muito menos marcados pelo medo, e muito mais aproximados das questões sociais, coletivas e políticas estéticas. Talvez essa seja a possibilidade transitar para uma *era pós-mídia*, pensando em sua ressingularização, como sugere o autor. Essa ecosofia provoca-nos a novas práticas sociais e também analíticas, engendrando outras criações e formação de subjetividades-ecológicas. Nesse sentido, estaríamos longe de agir por medo da perda de nosso planeta. As ações ecosóficas são mobilizadas por agenciamentos maquínicos que provocam pensar em novas mentalidades articulando ecologia, política e filosofia. Tais práticas provocam a criação, a experimentação, sentindo-se afectado⁵ pelas ações ambientais que geram a heterogeneidade, muito diferente das uniformizações telemáticas anunciadas pela mídia atual.

O discurso midiático colocado em circulação legitima verdades que se reverberam como opinião pública – e esses jogos de verdade acabam por engendrar e produzir modos de vida. Vimos que a Educação Ambiental constitui-se como um desses discursos legitimados pela mídia e que operam no nível do coletivo para atingir o indivíduo em suas ações diárias. A

⁵ “Afecção” tornou-se um conceito específico no pensamento dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, aqui vou restringir-me a utilizar o termo *afecção* como a tensão que se dá no jogo entre tocar e ser tocado, atingir e ser atingido, afetar e ser afetado, na relação com todos os elementos que compõem o mundo, sejam eles, pessoas, coisas, idéias, sentimentos, etc.

mídia vai ensinando as formas corretas de fazer e se comportar frente a problemática ambiental.

SOS TERRA

Países e pessoas agem...

... mas alguns ainda duvidam (Veja, outubro de 2007).

A realidade do aquecimento global criou uma preocupação com o ambiente como nunca se viu: **todo mundo quer fazer a sua parte para salvar o planeta** (Veja, outubro de 2007, p. 87) [grifos nossos]

A vida sem papel higiênico

[...] se submete há um ano à experiência de **viver sem causar nenhum dano a natureza**. Isso inclui **dispensar o papel higiênico, iluminar a casa com velas, evitar os eletrodomésticos e só andar a pé ou de bicicleta** (Veja, outubro de 2007, p. 93) [grifos nossos].

Pagar para não derrubar

Reflorestar

Energias alternativas

Carros elétrico e Híbridos (Veja, dezembro 2009, p. 136).

Visualizamos nos excertos acima o quanto a mídia ensina e constitui formas de ser e viver através de uma Pedagogia. Ela dita o que fazer e como fazer e assim vai direcionando e conduzindo a vida de cada um. Assim, olhamos para alguns discursos midiáticos e colocamos a pensar sobre a fabricação de verdades no campo da Educação Ambiental. Olhamos para este campo de saber como estratégia de controle da vida social, tão bem difundidas pelos meios de comunicação, aqui especialmente a Revista Veja. Articulamos tal estratégia ao que Foucault conceituou de biopoder (2005; 2008), um poder sobre a vida, agindo com técnicas de prevenção e seguridade pelo bem-estar da massa de indivíduos. O biopoder tem como alvo a população, mas para isso precisa capturar individualmente cada sujeito, para que juntos ajam em prol do planeta. Todos e cada um fazem parte desse jogo.

Nessa correnteza, os discursos de Educação Ambiental em análise, marcados pelo biopoder que “educa” para o controle minucioso da ação individual pelo apelo a “autoconsciência”, tendem a regular o cotidiano, sob a ambivalente política da prevenção e do medo. O endereçamento de tais ditos não se veicula apenas para um sujeito, mas para o coletivo que deve, junto, se mobilizar para que ações individuais repercutam na transformação do meio ambiente. O campo de efetivação desse dispositivo intervém sobre a coletividade valendo-se do espírito da época, o compromisso com a suposta “liberdade” de vontade e de estilo de “cada um”. Assim, precisa-se estar constantemente prevendo, calculando, antecipando, medindo, colocando em operação os dispositivos que visam assegurar estrategicamente o bem-estar dessa massa de indivíduos, e para isso se conta com o engajamento de cada sujeito. Vimos nesse engajamento muito mais uma política do medo e do terror do que uma “verdadeira consciência ambiental”.

O planeta começa a responder com derretimento de geleiras, secas, escassez de água e aquecimento global aos milhares de anos de agressões feitas pelo homem.

O efeito estufa já derrete as geleiras.

Um bilhão de habitantes da Terra não têm água potável e dois terços das florestas foram destruídos (Veja, abril de 2001, p. 93) [grifos nossos]

Já estamos arrancando do planeta mais do que ele pode dar.

O **contra-ataque da natureza**: novos vírus e epidemias.

O ciclo vital da floresta amazônica começa a se romper (Veja, reportagem de capa, abril de 2005) [grifos nossos].

Assim, esses discursos causam efeitos de culpabilidade, de pavor e medo pela perda do planeta e dos recursos disponíveis para a sobrevivência da vida na terra. Percebemos com tais enunciados uma estratégia de terror colocada em operação. As ações são muito mais vinculadas a política do medo, com o que acontecerá no futuro, do que com uma “consciência ecológica”, como pregam alguns amantes da visão naturalista de Educação Ambiental.

Para o biopoder os mecanismos de previsão, estimativa, estatística probabilidade, ganham destaque e significado, já que é através deles que se torna possível mapear, diagnosticar, para poder traçar, calculadamente, as estratégias de prevenção, garantindo a seguridade dos indivíduos, prevendo o que poderá ocorrer no futuro e agindo para impedir que algo coloque em perigo a vida da população. Dessa forma, produzindo saberes que vão auxiliar na melhoria da qualidade de vida, minimizar os riscos, evitar a crise, o biopoder tem como finalidade a regulação, o equilíbrio e a homeostase da população.

Diante disso, esse mecanismo de poder, preocupa-se em pensar no futuro, nos riscos, nas crises e nos perigos que possam vir a afetar a população. Aliás, os enunciados de Educação Ambiental tão bem retratados pelas reportagens aqui selecionadas, reiteram a preocupação com o “futuro” do Planeta. É necessário prevenir, intervindo hoje! Sendo uma série aberta, uma estimativa de probabilidades, o biopoder intervém para qualidade de vida da população, intervém diante de situações que possam vir a acontecer e, sendo assim, possam vir a ser transformadas, devido às atitudes tomadas por essa coletividade.

A ideia de futuro para Foucault é pautada no que se pode prever, organizar, planejando, articulando estratégias voltadas para a sociedade. Uma forma de prever o que poderá acontecer com o planeta, caso as condutas individuais não forem minuciosamente reguladas por cada “consciência” em favor da preservação da espécie humana. “Salvar a Terra: como essa ideia triunfou” (Veja, reportagem de capa, abril de 2007), “Alerta Global: 7 megassoluções para o megaproblema ambiental” (Veja, reportagem de capa, dezembro de 2006), “O Fim do Mundo” (Veja, reportagem de capa, novembro de 2009). Estaria aí a produtividade dos discursos ambientais contemporâneos tão em voga no campo das mídias?

Dez anos depois da Eco 92, há pouco para comemorar. A poluição e o uso predatório dos recursos naturais aceleraram o efeito estufa e a destruição das florestas. Mas **existem formas de corrigir esses erros** (Veja, agosto de 2002, p. 80) [grifos nossos].

Com este apelo para que cada um faça a sua parte evitando as consequências futuras de um possível desequilíbrio ambiental no Planeta, a campanha acima destacada, assim como tantas outras, vai produzindo a necessidade de pensarmos no futuro, no que ainda poderá acontecer caso não seja feito nada em prol da vida de todos. Interpelando o sujeito a pensar no que poderá acontecer, a campanha convida a todos a refletirem sobre suas ações e juntarem-se a esse corrente para salvação da Terra. Assim, intervindo na coletividade, pensando no futuro e nas consequências de nossas ações diárias, a mídia torna-se importante ferramenta biopolítica de gerenciamento da população.

[...] a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (FOUCAULT, 2005, p.289).

Entendemos que são discursos como os tratados nesse texto e com farta exposição nos meios de comunicação que apontam para as questões do biopoder. Certamente, isso implica em direcionar nosso olhar para toda a tecnologia política da vida. “[...] onde quer que haja discurso há palavras de ordem, a disciplina e o controle com que ele alimenta, e dos quais se alimenta. Por todo esse espaço, a todo tempo, enuncia-se o visível e, portanto, o vivível” (GOMES, 2003, p. 103).

Pensamos ser necessário olharmos com desconfiança tais discursos tão propagados e que auxiliaram, decisivamente, para colocar a Educação Ambiental na pauta das discussões atuais. A nós, professores e pesquisadores interessados por este campo de saber, caberia travar alianças potentes para que provoquemos os sujeitos desse mundo a pensar em micropolíticas possíveis para continuarmos a viver neste planeta. Uma escuta da vida, uma escuta do mundo que possibilite espaços de resistência e criação diante da crise ambiental que se instala. Talvez seja necessário pensar em pequenas ações diárias que nos provoque a olhar para o mundo de uma forma não aterrorizante, como muitos discursos se apresentam para nós, mas como possibilidades de compormos um pensamento minoritário para educação ambiental. Não falamos de um projeto de todos em prol do futuro do planeta, mas pequenas ações que possibilitem a cada um uma ética política para pensar o futuro do planeta. Quais as possibilidades de resistirmos a essa ordem do discurso colocada para o campo da Educação Ambiental através da mídia? Como não entrarmos neste fluxo? Talvez seja impossível pensarmos numa resistência como ruptura total. Talvez seja deveras difícil não entrar no fluxo, não entrar na ordem do discurso; mas talvez seja possível fazer um exercício de pequenas resistências, pequenas rupturas, pequenos abalos – que movimentem nossas quietudes, nossas certezas, como nos convida Rosa Maria Bueno Fischer:

Isso significa investir na problematização daquilo que nos é dado como salvação, como calma, para nossas inquietações sociais, teóricas e metodológicas. O convite é deixarmos para trás o lago sereno das certezas e mergulharmos naqueles autores e teorizações nos quais encontremos fontes consistentes, ferramentas produtivas para a formulação de nosso problema de pesquisa, exatamente na medida em que eles nos convidem ao exercício da arte de pensar de outra forma o que pensamos, buscando tencionar essas mesmas fontes conceituais, ousando cotejá-las com outras talvez menos seguras para nós e, especialmente, ousando estabelecer relações entre esses referenciais e as primeiras incursões que fazemos em nossos materiais empíricos. (2002, p. 58).

Diante disso, gostaríamos que nosso texto pudesse provocar novas discussões no campo da Educação Ambiental, entendendo-a como um importante instrumento de ação política na sociedade atual. Talvez ele pudesse agir como uma singela ferramenta para constituição de uma máquina de guerra (DELEUZE e GUATTARI, 2007), tornando-se uma possibilidade de resistência e criação ao olhar a Educação Ambiental para além do discurso do risco e da periculosidade por um lado e, do anacrônico e romântico naturalismo, de outro. Talvez pudéssemos, aceitando o convite de Guattari (1990), pensarmos na criação de uma ecosofia, produzindo espaços éticos e políticos para o campo da Educação Ambiental.

Referências:

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 4ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia – vol V*. 3ª reimpressão. São Paulo, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

_____. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 25ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002a.

_____. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Ditos e escritos IV – Estratégia, Poder-Saber*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Segurança, Território e População: curso no Collège de France (1977- 1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In.: COSTA, Marisa Vorraber. (org). *Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GERZSON, Vera Regina. Aprendendo a ter sucesso: a educação para o neoliberalismo nas revistas informativas semanais. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo*. São Paulo: Edusp, 2003.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2003.